

➔ **PSD É
CONTRA
QUOTAS**

A definição de quotas não teve aprovação do PSD. Os sociais democratas não concordam com a imposição e preferiam um regime de incentivos.

➔ **LEI DE 1981
NUNCA FOI
CUMPRIDA**

A anterior Lei da Rádio tem a data de 1981 e exigia uma quota mínima de 50%. Contudo, nunca foi regulamentada nem cumprida.

ESSENCIAL DA LEI

quota mínima

25%

é a quota mínima de música portuguesa que as rádios nacionais têm que colocar no ar. A quota máxima é de 40%. A Antena 1 é a excepção: já cumpre uma quota de 60%.

língua e cidadania

60%

da música portuguesa a difundir tem que ser composta ou interpretada em língua portuguesa por cidadãos da União Europeia.

música nova

35%

da música portuguesa a emitir deve ser nova, ou seja, editada num espaço de tempo não superior a 12 meses.

multas

50.000

é o valor máximo da multa aplicada aos infractores da lei. O valor mais baixo em que incorrem é de 3 mil euros.

horário

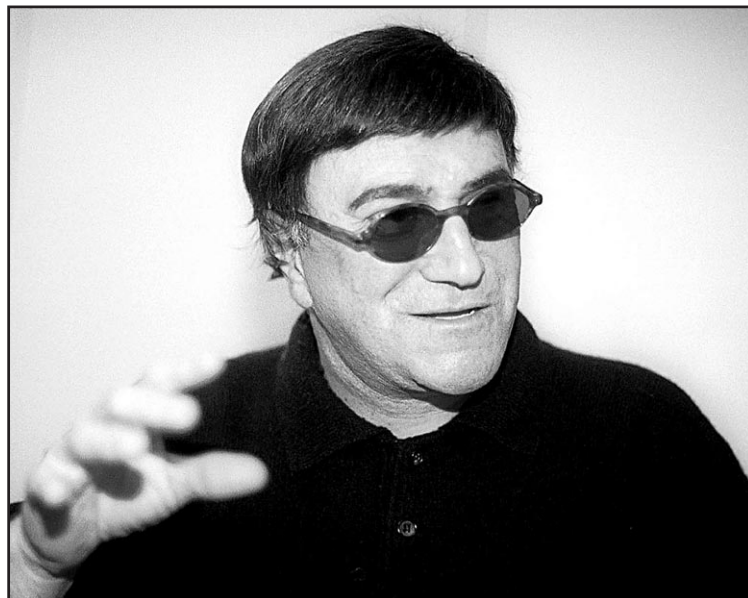
7

horas marca o início do horário obrigatório de difusão de música portuguesa. Termina às 20 horas.

Expressão portuguesa

Opiniões divergentes

III ★ Maioria dos músicos ouvidos pelo JN avalia alteração de forma positiva III ★ Director da RDP considera imposição “mal menor” e José Cid acha que a medida é “ridícula”



JOSÉ CID

Para José Cid, “estamos num país cheio de complexos culturais”

▣ Cláudia Luís e Cristiano Pereira

“É uma lei ridícula. Própria de um país cheio de complexos culturais”. José Cid é declaradamente contra às mais recentes alterações da Lei da Rádio em Portugal, mas a maioria dos músicos ouvidos pelo JN não partilha da opinião. Se tudo indicava que a aplicação de quotas obrigatórias fosse ao encontro das exigências há anos reivindicadas pelos artistas em Portugal, o facto é que as posições continuam a dividir-se entre a comunidade de criadores.

Segundo o futuro diploma, 35% da quota de música portuguesa que será obrigatoriamente passada pelas rádios nacionais terá que incluir uma percentagem de 60% de música composta ou interpretada em

língua portuguesa por cidadãos da União Europeia.

O autor de êxitos da música portuguesa – e cantada em português – como “A rosa que te dei”, “O dia em que o rei fez anos” ou “A cabana” – considera que se trata de mais uma prova de que “esta gestão cultural não sabe assumir a cultura nacional na sua plenitude”. E salienta: “Uma vez perdida a identidade política para a Europa, resta-nos isso mesmo, a cultura”.

José Cid ressalva que não é contra o facto de as rádios nacionais passarem música estrangeira, mas “contra o facto de passarem má música criada lá fora em detrimento da boa música que os portugueses fazem”. E sublinha o caso particular dos “artistas brasileiros e cabo verdianos que se expressam na língua de Camões atra-



LEONEL DE CASTRO

Miguel Guedes, dos Blind Zero, canta em inglês

vés de composições de óptima qualidade”.

Já Miguel Guedes, responsável pela Cooperativa de Gestão dos Direitos dos Artistas no Porto e vocalista dos Blind Zero (banda cujo idioma é o inglês), revela-se satisfeito com a medida. “Esse era um dos critérios fundamentais: garantir a protecção da língua e da cidadania de forma equitativa”.

Mais fácil em inglês

“Quando os Abba optaram por escrever em inglês e não em sueco queriam penetrar num mercado global. O mesmo sucede com as bandas portuguesas que escrevem em inglês: querem atingir o âmbito internacional”. Na opinião de Jorge Prendas, dos Vozes na Rádio, a salvaguarda de projectos cujo modo de expressão é a língua portuguesa é “útil, na medida quem beneficiam

quem tem essa preocupação acrescida”.

Aliás, o também professor de música destaca o facto de ser “muito mais fácil escrever em inglês: a língua é mais simples, as rimas mais acessíveis e as maiores trivialidades soam sempre bem”.

Para o director de programação da Rádio Difusão Portuguesa, trata-se de “uma discriminação positiva”. Rui Pêgo diz perceber “a boa vontade do legislador em defender a língua nacional”.

Por sua vez, João Vieira – DJ Kitten e vocalista dos X-Wife, outra das bandas nacionais a cantar em inglês – afirma: “É normal. Em França já se faz isso. O problema é se há uma percentagem maior de música de portugueses cantada em inglês com maior qualidade do que temas cantados em português com qualidade duvidosa”.

Caso inglês

Músicos pedem sistema de quotas

▣▣▣▣ Ao contrário do que acontece em França ou Portugal, no Reino Unido a lei não obriga as rádios a passarem música britânica, são as próprias estações que decidem internamente a percentagem de música britânica que irão passar. No entanto, com uma diminuição no tempo de antena dedicado aos artistas britânicos, muitos são os que pedem à

Ofcom – entidade reguladora das emissoras britânicas – para introduzir um sistema de quotas igual ao que vigora em França. Segundo a British Phonographic Industry (BPI), nos últimos dez anos a emissão de música britânica terá diminuído em cerca de 30% provocando uma baixa na venda de álbuns. Por outro lado, a BBC Radio 1, que segundo a indústria musical tem a obrigação de

promover os artistas britânicos, afirma que tem antes a obrigação de promover as melhores músicas que entram no mercado, independentemente de serem britânicas ou não. Esta atitude tem provocado críticas por parte de músicos que acusam a Radio 1 de ser mais Americana do que Britânica. Em relação às rádios comerciais, estas são obrigadas a fazer uma “promessa de perfor-

mance” na qual se comprometem a transmitir determinados conteúdos, incluindo música britânica, e a qual têm que respeitar. Mas, apesar do conteúdo de tal promessa variar de caso para caso, na prática, a música britânica continua a preencher em média 30 por cento do tempo de antena das rádios.

Rita Jordão

CORRESPONDENTE EM LONDRES